

ECONOMIA

Agricultura no Centro do país

Escoamento de arroz refém de falta de fundos na Zambézia

O distrito da Maganja da Costa contribui com 60 por cento do total da produção de arroz da Zambézia, com 170 mil toneladas

As actividades de comercialização de arroz junto dos produtores associados no distrito da Maganja da Costa, província central da Zambézia, estão reféns da falta de fundos.

Os agentes comerciais e produtores, citados pelo jornal Notícias, estão preocupados com a falta de escoamento da sua produção para o mercado nacional, facto que, na sua óptica, não compensa os esforços empreendidos nas campanhas agrícolas.

Segundo os comerciantes, os fundos concedidos no contexto do Orçamento de Investimento para Iniciativas Locais (OILL) são exíguos e, muitas vezes, são atribuídos valores abaixo dos propostos pelos interessados.

Chabane Mussa, agente económico em Nante-Baixo Licungo, afirma que há grandes quantidades de arroz das campanhas anteriores em poder dos produtores, mas há sérias dificuldades



O escoamento continua a minar a agricultura

de comercialização, porque os que deveriam comprar esses excedentes não têm poder de compra. A comercialização, segundo a fonte, implica comprar o arroz e alugar uma viatura para o seu transporte, e quando se pede os

"sete milhões de meticais", o valor concedido é inferior ao que está no projecto, e, por consequência, "é difícil escoar a produção" e, associada à realidade, está a falta de mercado.

Joaquina Nacuareta disse,

por exemplo, que após a colheita enfrenta sérios transtornos para colocar o seu arroz no mercado, uma vez que não existe localmente uma empresa com capacidade de comercializar todos os excedentes dos produ-

tores. Aliás, a associação de que é membro tem enormes quantidades de arroz nos armazéns ou em poder dos associados, sem mercado, devido ao reduzido poder aquisitivo das pessoas.

"Queremos vender esse arroz para comprar coisas que nos fazem falta", disse Nacuareta, residente no posto administrativo de Nante-Baixo Licungo.

Alda Máquina é outra associada, para quem a falta de fundos para a comercialização de excedentes agrícolas de arroz e milho poderá desmotivar os produtores associados e do sector familiar, pelo facto de o seu esforço não estar a ser compensado com o escoamento e consequente acesso ao mercado.

O distrito da Maganja da Costa contribui com 60 por cento do total da produção de arroz da Zambézia. Nos últimos anos, tem vindo a produzir em média 170 mil toneladas daquele cereal, o que corresponde à metade da produção nacional do arroz. ■

Mota-Engil inicia obra rodoviária avaliada em 108 milhões de euros

A Mota-Engil, empreiteira de obras de engenharia, iniciará, no corrente mês, em Moçambique, a execução de um projecto rodoviário adjudicado em 2010 pelo Ministério das Obras Públicas e Habitação (MOPH), num investimento avaliado em 107,9 milhões de euros.

Dado o carácter estrutural do projecto para o desenvolvimento económico e social da região Centro, o financiamento foi as-

segurado em 80 por cento pelo Banco Mundial, estando o empreiteiro a mobilizar o equipamento e a recrutar mão-de-obra para o arranque, nos próximos dias, do projecto.

A melhoria desta infra-estrutura rodoviária, numa extensão total de 230 quilómetros, é fundamental para o desenvolvimento do "Corredor de Mossurize", ao longo do qual existem diversos recursos agrícolas,

florestais, hídricos, faunísticos, turísticos, minerais e pecuários, destacando-se a Reserva Transfronteira de Chimanimani.

Para além disso, a Estrada Regional 260 constitui o principal eixo rodoviário que liga a cidade de Chimoio, a sede distrital de Sussundenga, o posto administrativo de Dombe e a vila fronteiriça de Espungabera, sede distrital de Mossurize.

A zona faz fronteira com o distrito zimbabueano de Chipinge, uma região estratégica na produção agro-pecuária, mineira e turística.

Com a construção da ponte Armando Guebuza (inaugurada em 2009), a ponte de Tete e a Vila dos X Jogos Africanos, entre outros projectos como a recuperação da Estrada Regional 260, a Mota-Engil aprofunda a sua presença no mercado mo-

çambicano, segundo o comunicado de imprensa a que a AIM teve acesso.

Assegurando em África uma carteira que ascendia, no primeiro semestre, a 981 milhões de euros, o grupo Mota-Engil continua a assegurar uma crescente internacionalização da sua actividade, a qual, na área de engenharia e construção, representa 60 por cento do seu volume de negócios. ■